



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

M a i o 2 0 0 4 - N ° 1 6 5

RIO CLARO – 2004

A Congregação nasceu aqui no Brasil aos 02 de dezembro de 1910. Foi para Tibagi-PR em março de 1911 e veio para São Paulo em 1914, em Limeira, e aos 5 de outubro de 1915 chegou em Rio Claro.

Em Rio Claro, ela cresceu, formou-se e tornou-se o centro de todo desenvolvimento no Brasil. Passou dificuldades, perigo de fechamento da casa (1919), tornou-se Sede da Visitadoria e da Província, primeira base da formação de novos estigmatinos, e, finalmente, em 1925, terminou uma construção que se tornaria legendária na cidade e na Província: o “*GYMNASIO SANTA CRUZ*”.

Sua inauguração foi no final de 1925, com dez aspirantes, quatro padres (Pes. Albino Sella, Alexandre Acler, João Maria Lona e Júlio Sief), dois irmãos (Irs. Carlos Valenti e Luiz Abram) e dois professores (Luiz Maria Fernandes e João Batista Consolaro).

Foi aspirantado: “*ESCOLA APOSTÓLICA SANTA CRUZ*”, Noviciado (na Avenida 12, atrás da Igreja), Professório. Uma boa parte dos Estigmatinos brasileiros foram recebidos e receberam os primeiros cuidados e formação, aqui. O número de aspirantes chegou até 120, algumas vezes.

Em 1964, deixou de ser Casa de meninos e tornou-se casa de jovens. Uma nova forma de Seminário.

Fevereiro de 1970. O Colégio Santa Cruz, sem seminaristas... Foi alugado para o SESI. “Sinais dos tempos”, diz o cronista.

E daí passou por várias peripécias. Foi abandonado, desleixado, depredado, esquecido, velhacouto de marginais, etc.

Alugado por duas faculdades, teve o esboço de uma reforma. Infelizmente também essas reformas goraram. E tudo ficou pior ainda.

Graças a Deus, a Província arregaçou as mangas e partiu para a recuperação do imóvel. Foram anos de trabalhos lentos e contínuos. Pouco a pouco o prédio foi retomando a forma anterior, recebeu nova pintura, e, voltou a ser o orgulho de Rio Claro. Pois ele é um marco na cidade.

No dia 23 de janeiro de 2004, “foram dadas as bênçãos do céu sobre o “*COLÉGIO SANTA CRUZ*”, reinaugurando-o, agora passa a ser a nova Sede da Província.

A Crônica de Rio Claro diz que no dia 03 de dezembro de 1925 os padres transportaram as próprias camas e mobílias para o prédio novo”.

A cena se repetiu no dia 21 de abril de 2004. Na parte da manhã, Pe. Valmir Cassim da Silva, superior Provincial, e Pe. Emerson Correr, promotor vocacional, dão início à nova comunidade.

E agora, com certeza, não será mais “abandonado”, pois além de SEDE DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ, comporta também o MEMORIAL, o ESCRITÓRIO VOCACIONAL e a BIBLIOTECA PROVINCIAL.



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

JUNHO 2004 - N° 166

ESTIGMATINOS EM PORTUGAL

Em 1899 foi aceita uma fundação em Lisboa.

Desde 1896, o Secretário da Nunciatura Apostólica de Lisboa, Mons. Giovanini, havia pedido uma fundação nossa, para cuidar da Igreja e atender a colônia italiana. Tendo ido a Roma conversou oficialmente com o Pe. Tabarelli.

Em geral se estava de acordo para aceitar a oferta, mas não se chegou a uma conclusão definitiva. Alguns membros da Comissão portuguesa que administrava a Igreja, opuseram a cessão do templo aos padres, temendo que, com o correr do tempo, pudessem perder sua independência. Assim, as tratativas foram suspensas.

Em seguida, o novo ministro português na Itália, Comendador Alberto Gerbais de Sonas, recebeu uma carta do Pe Fantozzi, datada de 17 de fevereiro de 1897, notificando que os Padres Estigmatinos estavam dispostos a aceitar o convite. Depois de quase dois anos foi que o ministro respondeu, perguntando se ainda estavam dispostos a aceitarem o convite de fundarem uma comunidade religiosa em Portugal. Recebendo resposta afirmativa, no dia 28 do mesmo mês de fevereiro, o ministro enviou seu pedido formal, onde também apresentou as condições para a fundação.

Além do trabalho na Igreja, os padres teriam o mais rápido possível uma escola elementar para os filhos dos italianos. Após alguns esclarecimentos, no dia 11 de julho de 1899, a fundação foi aceita.

Foram destinados os padres Melquíades Vivari, Pio Gabós e Ir. César Bonfanti. Saindo de Roma no dia 14 de novembro de 1899, chegaram em Lisboa no dia 26 do mesmo mês e foram recebidos festivamente pela colônia italiana, pelos representantes do governo italiano, pelo Núncio Apostólico, pelo Patriarca e pelos Padres Salesianos.

A Igreja da colônia italiana era uma das mais belas e freqüentadas da cidade. E os nossos padres a tornaram uma das mais bem atendidas, de tal modo que até os fiéis portugueses a freqüentavam. Os estigmatinos muito rapidamente conquistaram a simpatia de todos os italianos.

Os dois padres que fizeram a fundação dificilmente poderiam viver de acordo, devido à diversidade de caracteres. O Superior Geral depois de reiteradas e inúteis recomendações, resolveu em 1900, chamar o Pe Pio Gabós e substituí-lo pelo Pe. Nicola Tomasi. Mas a colônia italiana e, sobretudo a Comissão se opuseram à partida. O próprio Ministro indo à Itália conversou com os Superiores e, retornando à Lisboa procurou acertar os ponteiros, e conseguiu que os dois padres chegassem a se harmonizar.

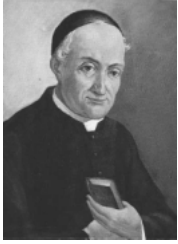
No entanto, estourou em Portugal a Revolução Civil que em abril de 1901 lançou um decreto contra as Corporações Religiosas. O Superior Geral aproveitou a ocasião para chamar de volta os padres de Lisboa, com grande desgosto de toda a colônia, que entendeu como conseqüência

da pouca fraternidade entre os padres. No momento da partida foram grandes as demonstrações de estima, simpatia e grande apreço de todo o povo.

Na verdade havia motivos de queixas contra os representantes da colônia. No contrato da fundação eles empenhavam-se em dar aos padres 80 mil réis por mês. Mais tarde descobriu-se que essa quantia representava o rendimento de legados de missas que os padres deviam celebrar, ou pagar para outros sacerdotes celebrarem, de modo que não podiam usufruir as espórtulas das missas. Os Superiores da Congregação queixaram-se com o Ministro, que em reposta a 26 de dezembro prometeu interessar-se pela questão. Porém, nada garante que a pendência tenha sido resolvida.

E assim, em 1901, foi fechada casa de Lisboa.

(B.C. Ns. 11,12,13)



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

JULHO 2004 - N° 167

ORAÇÃO E VIDA

“A oração é como a vida da nossa vida e a alma da nossa alma. É como a respiração: “Abri minha boca e atraí teu espírito”. Assim em poucas palavras essenciais e incisivas, Pe. Gaspar anuncia um princípio que é, talvez, a base de todo o seu ensinamento sobre a oração, isto é, a exigência que a oração esteja estreitamente unida com a vida vivida de tal modo que todos os momentos da existência e da atividade humana tornem-se impregnados da presença de Deus, e assim possa ser realizado o ideal da constante união com Ele, da oração contínua.

Ao princípio doutrinal se junta o testemunho dado pelo seu primeiro biógrafo sobre a experiência por ele vivida. Escreve o Pe. Giacobbe: “A oração, tanto vocal como mental, era-lhe familiar, ou direi melhor, por uma prática e hábito contínuo..., conatural. Aquela mente que de fato desde jovem, habituara-se a informá-la e fecundá-la na inexaurível e puríssima fonte das Escrituras divinas, aquele grande coração que não era capaz de outra coisa senão do amor de Deus e das coisas divinas, sentia uma necessidade imensa, uma irresistível tendência de incendiar-se naquele grande fogo divino que é a meditação das verdades celestiais. E fruto desta sua meditação era, o que se percebia nos seus sermões, nas exortações públicas e privadas nas quais, ao mesmo tempo em que inspirava admiração, induzia também á prática daquilo que ele pregava”.

Se tomarmos em consideração o fato de que o Concílio Vaticano II quis renovar profundamente a oração litúrgica e não litúrgica, e o fez, sobretudo com a finalidade de superar o ritualismo e o formalismo para favorecer ao máximo a união entre oração e vida, pode-se dizer que o testemunho oferecido por Pe. Gaspar com sua doutrina e sua experiência apresenta também um notável caráter de atualidade.

a) “A RESPIRAÇÃO DA ALMA”

1. PORQUE UMA RESPIRAÇÃO DA ALMA?

À L. Naudet, em um momento para ela difícil em que estava preocupada com o problema de garantir para seu grupo a continuidade da direção espiritual, Pe. Gaspar recomenda naturalmente rezar. “Digamos ao Senhor – assim em uma das primeiras cartas à fundadora das Irmãs da Sagrada Família – com grande confiança amorosa: ‘De o que manda e mande o que quiser’. Aquelas palavras são todas espírito. Que faremos nós? ‘Abri minha boca e atraí teu espírito’”. Mas, como se vê, a oração sugerida por Pe. Gaspar não é somente um pedido para obter de Deus a concessão de uma graça; ele é o encontro filial com Deus, cheio de abandono, que visa antes de tudo introduzir o Pai com seu Espírito no contexto da vida, para que esta seja iluminada pela Sua Luz e compenetrada pelo Seu dom de amor e confiança.

2. “CONVERTER A ESTADIA NA TERRA EM UM ESBOÇO DO CÉU”

A piedosa fundadora, que por sua conta já agia em sintonia com o Diretor Espiritual - justamente naqueles dias estava empenhada, como aparece no seu Giornale, em “estar com o espírito sempre no alto, apoiada e repousada sempre Nele, mantendo aqui na terra só o corpo, espiritualizando assim todas as ações...” – pegou no ar a sugestão oferecida por ele, e pediu logo que lhe explicasse o significado com palavras mais detalhadas. Pe. Gaspar respondeu imediatamente: “Quanto à oração, e ao abri minha boca e atraí teu espírito, o Espírito Santo responde como se pode fazer: ‘Nada te impeça de rezar sempre. É necessário rezar sempre sem se cansar. Rezai incessantemente’. Parece-me que a oração ajudará a oração: o cuidado em fazê-la atrairá maior abundância do Espírito. E este Espírito ajuda a nossa fraqueza; de tal modo que possamos, ainda aqui na terra, oferecer o sacrifício perpétuo e perene, e o holocausto que de si mesmo oferecem os Espíritos Bem-Aventurados e os Santos, no Céu, diante de Deus: O fogo deve sempre se manter aceso sobre o altar. Todos os Servos de Deus, exilados e peregrinos nesta terra, assim o fizeram. Com a força e os auxílios que eles conseguiram, também nós conseguiremos. E já que isto agrada a Deus, e torna-se glória para Ele, e Ele nos ordena, basta isto para que se possa fazê-la”.

A atitude sugerida por Pe. Gaspar à Naudet é pois a de uma oração contínua: que realize já sobre a terra, quanto seja possível, “o sacrifício perpétuo e perene dos Santos no Céu diante de Deus”. Esta é uma idéia que Pe. Gaspar reforça ainda. “Neste breve tempo em que esperamos a nossa assunção ao seu Reino – escreve a Naudet – vivemos como Anjos, embora sejamos ainda homens, e convertamos a estadia na terra em um esboço do Céu, para mostrar como devemos começar a viver, ainda na terra. Seja bendito a glorificado seu Santo Nome pelas nossas línguas e pela nossa vida para sempre”.

Nestes textos, Pe. Gaspar mostra também com clareza e precisão, embora com palavras simples e sem pretensões sistemáticas, o fundamento teológico objetivo em que apoia a visão da oração como “respiração da alma”. Se a vida eterna na perfeita e beatífica comunhão com o Pai e com os irmãos é o ponto de chegada e a coroação de um caminho iniciado já aqui na terra com o Batismo e levado adiante com o empenho de amadurecer constantemente em Cristo o germe da vida nova, compreende-se como esta vida terrena do cristão deva transformar-se “quase em um esboço do Céu”, e seja mesmo possível “também aqui na terra oferecer o sacrifício perpétuo e perene, e o holocausto que de si mesmo oferecem os Bem-Aventurados Espíritos e os Santos no Céu, diante de Deus”, tornando assim a vida, já aqui, uma incessante oração”.

(continua)

(A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE
SÃO GASPAR BERTONI – PE. IGNAZIO BONETTI).



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

A G O S T O 2 0 0 4 - N ° 1 6 8

ORAÇÃO E VIDA (continuação)

3. O ESPÍRITO DE ORAÇÃO

Além do fundamento teológico, Pe. Gaspar parece sugerir nos textos agora citados, também uma indicação concreta sobre o significado preciso que se deve atribuir à imagem que representa a oração como “respiração” da alma.

Dizendo que “a oração ajudará a oração; a diligência em fazê-la atrairá maior abundância do Espírito”, Pe. Gaspar parece referir-se claramente à distração que é posta entre oração entendida como exercício de uma atividade espiritual bem determinada, desenvolvida em tempos certos e com formas próprias, e a oração entendida ao invés como “espírito de oração”, que é uma atitude de fé e de amor destinada a animar todas as atividades e todos os momentos da existência cristã, e que se apresenta, portanto não como um fato episódico, embora assíduo, mas como uma dimensão constante da vida.

A imagem da “respiração” aplica-se em sentido próprio e direto, evidentemente, ao espírito de oração; ao qual compete animar toda a vida e atividade do cristão. O exercício de determinadas orações tem uma função essencialmente relativa a respeito do espírito de oração – “a oração ajudará a oração”, diz justamente Pe. Gaspar e é portanto, instrumento para alimentar aquele mesmo espírito.

4. COERÊNCIA ENTRE ENSINAMENTO E ESFORÇO PESSOAL

O que ensinava aos outros Pe. Gaspar procurava seriamente executá-lo na sua experiência espiritual. “Ele caminhava sempre na presença de Deus”, afirma dele o Pe. Lenotti. “Em tudo o que havia em si, ou fora de si, não via outra coisa senão Deus – afirma por sua vez o Pe. Giacobbe – e Deus lhe falava em tudo. Por isso, era visto muito freqüentemente andar com a cabeça descoberta pelas ruas...; e em qualquer lugar jamais foi surpreendido senão comportado e quase em atitude de oração diante da Divina Majestade, que pela sua fé viva, ele sentia presente em todo lugar”. É sintomático o fato de que ele anotasse com tom de autocrítica as circunstâncias em que se encontrava “distraído” da sua habitual caminhada na presença de Deus, e procurasse imediatamente renovar o bom propósito. “Lendo eu algo sobre a presença interior de Deus, isto é, se Ele está dentro de nós, não há necessidade de sair fora para procurá-Lo... provei com isso muito sentimento e grande recolhimento, que durou algum tempo depois, ainda que, como de costume, tenha-se distraído um pouco; e grande desejo de agradar em tudo Sua divina Majestade”. Ao final de um dia talvez um pouco mais sobrecarregado que de costume, ele renova assim o seu propósito: “Amanhã vou procurar ser mais diligente, realizando todas as atividades por puro amor e para agradar a Deus”.

Como comentário desta última nota do Memorial Privado, o Pe. Stofella observa: “Dir-se-ia o objeto do seu exame particular”. A verossimilhança da hipótese do Pe. Stofella confirma-se com o fato de que pouco antes Pe. Gaspar havia marcado a mesma obrigação como objeto do exame particular à L. Naudet, quando assumiu a direção espiritual da piedosa fundadora. De fato ela anota no seu “Giornale”, pelo metade de janeiro de 1881, que o diretor espiritual lhe havia “prescrito para exame particular: considerar-se sempre na presença de Deus, e fazer o que se sabe ser do seu agrado”.

5. RECOLHIMENTO E SILÊNCIO

À luz dessa exigência de base compreende-se também a atenção assídua com que Pe. Gaspar cuidava do recolhimento e do silêncio, da modéstia do comportamento exterior, da prudência no trato com o povo, embora sem sombra de peso ou de misantropia. “O cuidado com o silêncio – escreve à L. Naudet – a brevidade nas conversas, o esquivar-se de modos burlescos; é ter o ouvido pronto para a palavra suavíssima do nosso Criador”. Interessante, também, sua observação sobre o comportamento exterior: “Quem deseja um recolhimento interior, deve buscá-lo na modéstia exterior; não distraíndo-se com olhares, nem movimentando-se inconvenientemente”. “O nosso andar – escreve um pouco antes do mesmo dia – deve ser pausado, e não apressado e afetado” .

Nas Constituições ele inserirá uma sessão inteira, a III sessão da VII parte, sobre o tema da “Quádrupla modéstia”; vista antes de tudo na sua natural relação com a castidade consagrada, mas também na perspectiva mais profunda como coeficiente importante na relação com Deus. “Cultivem todos a modéstia em tudo – prescreve a CF 120 – de tal modo que ela apareça aos olhos de cada um, em casa e fora, para o louvor de Deus”. Fazem parte da quádrupla modéstia, segundo Pe. Gaspar – que segue de perto o ensinamento de S. Tomás neste ponto – a humildade, a estudiosidade, a moderação dos sentidos, a moderação na aparência externa. Os testemunhos que ilustram o comportamento de Pe. Gaspar são muito eloqüentes, e impressionam também pela sua continuidade. No Memorial Privado, que reflete a idade ainda jovem, são numerosas as anotações relativas ao cuidado com o recolhimento; que é sentido como um dom de Deus, talvez ainda ligado com algum fenômeno de provável natureza mística, mas que ao mesmo tempo traz consigo um grande esforço pessoal de correspondência. “Lágrimas durante a Missa e recolhimento após; e silêncio”: assim no dia 10 de outubro de 1808. De Pe. Gaspar, já idoso, o Pe. Lenotti testemunha, depois de ter dito que caminhava sempre na presença de Deus: “Por isso quando andava pela cidade podia ser visto com o chapéu na mão... De quando em quando, havendo ocasião, saía com certos afetos devotos, e sentimentos ternos e fortes de compunção, com um tal brilho externo dos olhos, na compostura da pessoa, no rosto, que dava conforto e devoção, e mostrava suficientemente o Espírito do Senhor do qual estava repleto”.

(continua)

(A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE SÃO GASPAR BERTONI
– PE. IGNAZIO BONETTI).



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

SETEMBRO 2004 - N° 169

ORAÇÃO E VIDA (continuação)

b) ORAÇÃO CONTÍNUA E ATIVIDADE COTIDIANA

1. A ESCOLHA MISSIONÁRIA DE PE. GASPAR

Para poder apreciar plenamente o alcance das indicações de Pe. Gaspar sobre a oração contínua, capaz de tornar “vida da nossa vida”, “alma da nossa alma”, “respiração” do cristão, é bom lembrar que ele escolheu para si não a vida contemplativa, mas a apostólica e missionária; e que o seu ensinamento sobre a oração é dirigido a confrades empenhados como ele na missão apostólica, a sacerdotes com o cuidado de almas, a pessoas que como Leopoldina Naudet, estavam mergulhadas no trabalho e nas preocupações inerentes a grandes responsabilidades. É neste contexto de vivo empenho pela atividade que se coloca o apelo de Pe. Gaspar à oração contínua. Ao contrário pode-se afirmar sem mais que a força e a firmeza de tal apelo está justamente: em lembrar que o ideal da oração contínua, destinado a “converter a estadia na terra em um esboço do Céu”, não é reservado àqueles poucos que tiveram a vocação privilegiada à via contemplativa, mas é acessível a todos os cristãos. Para todos, de fato, é possível através da atuação de um oportuno programa de exercícios de piedade, animar a própria vida e atividades com o constante espírito de oração.

Que Pe. Gaspar tomasse a sério a sua vocação missionária e o empenho na atividade, fica bem claro do que dele escreveu seu biógrafo. Mas impressiona o fato de que ele coloque a base, mesmo em nível de reflexão teológica e de direção espiritual, sobre a exigência de aplicar-se ao próprio trabalho com fidelidade e dedicação; mesmo a custo de interromper, quando urgir a necessidade, o exercício da oração. “É necessário que Vossa Senhoria com muita discrição abandone os sentidos – escreve à Naudet, que o interrogara como devesse regular-se quando sentia-se atraída pela oração até o êxtase e o abandono, justamente dos sentidos – lá onde é suficiente estar o coração só por poucos momentos. Virá o dia em que coração e sentidos ficarão inebriados por aquela fonte de felicidade. Mas no entanto, para conseguí-la – sendo paga e prêmio – convém trabalhar em servir este Deus tão bom, ajudá-lo na sua obra, pela qual enviou Ele ao mundo até o Seu Filho... Se quer um exemplo, o encontrará no Santo que a Senhora quer imitar, o qual deixou a doce solidão em que tinha tão doces entretenimentos com Seu Senhor e a mais doce contemplação, pela ação mais viva e eficaz no meio do mundo”. Nesta linha coloca-se também a reflexão anotada no Memorial Privado, relativa ao não fácil problema prático de estabelecer um justo equilíbrio entre o tempo a ser dedicado aos exercícios de piedade e o de empenhar-se no trabalho. “Os que são muito inclinados à ação – havia anotado no dia 12 de julho de 1808 – devem ser alertados para a oração; os que se apegam demais à oração convém impeli-los à ação”.

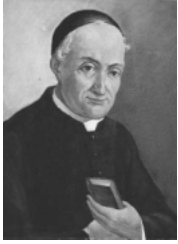
Mas no mesmo ato que sustenta assim decididamente a importância do empenho na ação, Pe. Gaspar revigora com não menor decisão e clareza a necessidade de que a ação seja animada pelo espírito de oração; para que se possa realizar o ideal da oração contínua.

2. TAMBÉM O LEIGO É CHAMADO À ORAÇÃO CONTÍNUA

Em uma das belíssimas pregações juvenis, extraídas da Filotea de S. Francisco de Sales e inspirada no seu “humanismo devoto”, ele exprime com paixão e certeza de que é possível ao verdadeiro cristão – e se percebe claramente que o discurso é dirigido a um auditório de leigos – realizar a oração contínua compenetrando toda atividade com o espírito de oração; e é também significativo que já neste texto se encontrem aceno ao fundamento teológico de tal possibilidade, enquanto a vida terrena do cristão quer ser um esboço do paraíso. “A devoção tem igualmente asas para voar ao céu – afirma o jovem Pe. Gaspar – e pés para caminhar na terra; e enquanto tem as mãos continuamente em movimento para agir, sabe também repousar tranqüilamente com seu coração em Deus. Tem olhos para velar, para presidir, para dirigir-se nos deveres temporais; e tem também um outro olhar mais agudo de sua mente com o qual jamais perde de vista seu último fim, para conciliar-se com o divino beneplácito em toda sua ação e para endereçar tudo para Sua glória. Tem língua para falar com os homens e também secretamente na alma, quase como tantas outras bocas, todas suas potências interiores, para não mais cessar de louvar e bendizer o seu Deus. Trata assim com o mundo e conversa com seu espírito nos céus, emulando por assim dizer aqueles bem-aventurados concidadãos. Antes, atraindo o seu Deus para si por amor, encontra-se em si e o possui na abundância de paz, e desfruta ainda na terra um outro paraíso”.

(continua)

(A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE
SÃO GASPAR BERTONI – PE. IGNAZIO BONETTI).



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

OUTUBRO 2004 - N° 170

ORAÇÃO E VIDA (continuação)

3. UM TESTE EXEMPLAR: A CORRESPONDÊNCIA BERTONI – NAUDET

A alentada correspondência epistolar de Pe. Gaspar com L. Naudet, da qual já retiramos algumas das mais profundas amostras do princípio, apresenta-se também como um teste no qual é possível colher ao vivo e nos termos mais concretos o significado da oração contínua, do entrelaçamento entre atividade cotidiana e espírito de oração, como era concebida, ensinada, vivida por ele. Impressiona em tal correspondência, sobretudo a naturalidade com que Pe. Gaspar passa da atenção dos aspectos mais práticos e mesmos técnicos dos problemas – que ele toma sempre muito a sério, demonstrando interesse, competência e habilidade muitas vezes surpreendentes – à perspectiva da fé, que o faz encontrar sempre o meio de inserir no âmago dos problemas e dos afazeres a presença do Espírito.

O período de tempo daquela correspondência compreende os anos cruciais da fundação, pela Naudet, do Instituto das Irmãs da Sagrada Família; e nas cartas da Fundadora a Pe. Gaspar apresenta-se com enorme variedade de problemas, que giram no campo da direção espiritual ao da escolha das novas vocações para o Instituto, da formação cultural e religiosa das Irmãs à procura de uma casa apta para a comunidade que se desenvolve, das relações com a B. Madalena di Canossa à série de práticas para obter a aprovação do Instituto por parte das autoridades e até mesmo no campo administrativo.

Nas suas cartas de resposta Pe. Gaspar enfrenta todos estes problemas. Aí se encontram sugestões sobre como fazer os Exercícios espirituais, critérios para discernir as vocações religiosas autênticas, orientações para a compilação das regras da nova Congregação... Com particular atenção se interessa pelo delicado problema da separação do grupo da Leopoldina do Retiro Canossa e do encontro para o local adaptado... Encontra ainda o meio de inserir aqui e ali, para não desmentir o bom sangue “scaligero”, uma pitada de humor...

Acenando a uma inocente fraqueza do amigo e colaborador Pe. Mateus Farinatti, confia à Naudet: “Pe. Farinatti terá nestas notícias um prato agradável à sua curiosidade. Ele está como um cão no rastro, farejando sempre, e algumas vezes raspando a terra, e sempre conseguindo alguma coisa para levar adiante e ruminar, meditar e conferir na sua fantasia”. Mesmo em relação à Marquesa di Canossa Pe. Gaspar permite-se alguma piadinha. Fala dela como de uma “fortaleza munida de muitos terraplenos, fossos e paliçadas”, e tratando-se de convencê-la em consentir que uma companheira de Leopoldina, que a Marquesa visava para o seu Instituto, seguisse sua vocação de Irmã da S. Família, sugeriu à Naudet: “Talvez um assalto bem dirigido e forte – e algumas bombas atiradas dentro da fortaleza – poderia, se não vencê-la, angustiá-la e fazê-la capitular... Mas Vossa Senhoria – conclui, desta vez seriamente Pe. Gaspar – considere a coisa também diante de Deus”.

Eis: é justamente esse apelo a Deus e a uma visão de fé alimentada pela oração – apelo contínuo e colocado com naturalidade mesmo no meio de um assunto sobre escola ou sobre as Regras, ou até mesmo numa saída chistosa – que constitui a característica mais relevante das cartas escritas por Pe. Gaspar à Naudet.

4. O “ÚNICO NECESSÁRIO” E AS BAGATELAS

Nas suas cartas Pe. Gaspar sabe também impelir a piedosa fundadora, sobretudo nos momentos mais difíceis e penosos até o vértice da mística sponsal; e isto não certamente para fugir das imperiosas exigências das situações concretas, mas para haurir da presença do Esposo a luz e a força necessárias para afrontá-las. Ora, esta dinâmica é constantemente aplicada por Pe. Gaspar, com o convite repetido de maneira verdadeiramente martelante para ver todas as coisas à luz de Deus, para atingir a fonte da oração e energia e a coragem necessárias para as obrigações cotidianas.

“As obras desse tipo são o fruto principalíssimo da oração – pesquisemos, pois, alguns testemunhos entre os muitos que ocorrem na correspondência de Pe. Gaspar à Naudet. Em uma carta – dedicada quase que por inteiro ao assunto da responsabilidade de uma superiora na orientação da vida espiritual da comunidade: é uma das mais belas – escreve: “Em suma, o tudo, em última instância, restringe-se a uma fé viva, e a uma incessante oração. Deixemos que Deus entre livremente e possua esta alma que Ele tanto ama e procura uni-la a Si. Conheçamos o tempo de sua visita. Supliquemos a todas as criaturas e aos nossos sentidos que não perturbem esta alma, quando ela estiver repousando no tálamo do seu Senhor. Nada mais se requer. A seu tempo ela produzirá um fruto tão precioso, tão sublime, tão nobre, digno de núpcias tão santas e tão sublimes”.

E ainda: “ótimo sim é o modo que V. Senhoria teve na oração, afirmando Cristo Senhor nosso que: só uma coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte (isto é, de tender ao necessário) que não lhe será tirado. Todo o restante, de fato, não é mais que bagatela. Parece que o Senhor faz como certos senhores deste mundo, que reservando para si as preocupações dos grandes negócios, deixam a administração das coisas domésticas livremente confiadas à direção prudente de suas esposas... e ao primeiro sinal dizem logo: façam vocês, tudo sairá bem feito. Eis porém a que tende o providente cuidado de Nosso Senhor: fazer-nos viver do espírito, espiritualizar todas as coisas, de modo que... estejamos de tal modo com ele e confiados na sua infinita misericórdia e bondade, que não nos deixemos remover dela por nada que aconteça aqui em baixo. Este é o nosso melhor bem; e deste N. Senhor se ocupa plenamente e com toda solicitude. Os seus bens – que são os que nós oferecemos e consagramos a Ele – deixa livremente à administração de nossa pequena prudência, e não quer ouvir nem uma palavra.

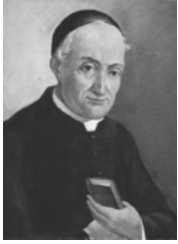
Entendamo-nos: não é que Pe. Gaspar queira desvalorizar o fardo concreto das obrigações cotidianas. Apenas se viu como ele esteja sempre ao lado da Naudet na multidão e variedade de tais obrigações, colocando sempre à disposição dela o seu operoso interesse e sua competência. Se as classifica como “bagatelas” é para lembrar que é preciso respeitar uma hierarquia de valores, na qual cada coisa tem seu valor e é tomada a sério, mas sabendo distinguir entre o que é relativo e o que é absoluto.

Simbólica, em tal sentido, a atitude assumida por Pe. Gaspar em relação a algumas autênticas bagatelas. Numa carta, se preocupava diretamente com a ortografia da sua correspondente. “Diante do plural dos nomes que começam com consoante coloca-se LI...; GLI coloca-se diante dos que começam com vogal... Console-se com a senhora Sofia que melhora muito a sua ortografia. E também isto é necessário para a Divina Glória”. Tudo importante,

mesmo a ortografia; mas em tudo o que realmente conta e dá valor absoluto é que seja visto à luz da fé, seja animado pela oração, e seja dirigido para a glória de Deus

(continua)

(A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE
SÃO GASPAR BERTONI – PE. IGNAZIO BONETTI).



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

NOVEMBRO 2004 - N° 171

ORAÇÃO E VIDA (continuação)

c) DA ABUNDÂNCIA DO CORAÇÃO

1. VÔOS DO ESPÍRITO

Até que ponto realizou-se efetivamente na vida de Pe. Gaspar esta constante e amorosa atenção à presença de Deus, esta continuidade de espírito de oração, pode-se avaliar, entre outros, por fenômeno bastante singular e, todavia, muito significativo: isto é, pela facilidade e pela freqüência com que ele se eleva quase improvisamente da trama e dos pensamentos e das ocupações ordinárias a intensos ímpetos e altíssima contemplação, que se apresentam com vôos do espírito,

O fenômeno é documentável, sobretudo através de um exame no Epistolário. Em uma carta do final de 1812, enquanto está tratando de um eventual retorno seu ao Retiro Canossa, depois da doença, e antes de passar a examinar os casos um pouco intrincados de algumas companheiras da Naudet, tem um súbito arroubo, ocasionado provavelmente por uma citação bíblica sobre a divina Providência: “Ô grande Deus! Quanto sois bom e inclinado a amar a nós miseráveis vermes! Quando será que nós vos amaremos com todo o nosso coração, e vos conheceremos e temeremos por aquilo que sois? Meu Deus e meu tudo!”. Em outra cara escrita poucos dias depois, aos 15 de janeiro de 1813, enquanto ainda está preso no quarto convalescendo, procura encorajar a Naudet que se encontra no momento em dificuldade, prometendo a própria oração e lembrando o estilo da divina Providência que sabe dispor “cada coisa ao fim previsto”; depois acena à sua própria condição de enfermo que “não fazendo quase nada, fica vendo o que o Senhor faz”. E aqui explode: “Oh como Ele é muito bom! E como supera todo o nosso louvor! Devemos, portanto não para de louvá-lo quanto podemos... E temos ainda um gravíssimo mandamento de esperar que nossas misérias sejam um dia transformadas em tanta glória, e sermos semelhantes a Ele. Seja agradecido, bendito, amado para sempre”.

Em agosto daquele mesmo ano de 1813, quem se encontra em dificuldade é justamente ele, Pe. Gaspar, em razão de uma suposta nomeação sua como vice-reitor do Seminário. Em uma carta de 31 de agosto de 1813 ele expõe a situação a Naudet, pede-lhe auxílio da oração, apresenta-lhe também alguma discreta intervenção junto aos médicos através do fiel amigo comum, Pe. Farinatti. Faz imediatamente um apelo, naturalmente, num lance de fé: “Vê-se que Deus quer que nos lembremos Dele, e Nele esteja todo o nosso pensamento e afeto, perpetuamente firme e recolhido. Afinal de contas, nós somos sempre diligentes quando amamos a Deus”. E com este aceno a Deus o coração se expande espontaneamente em um ímpeto: “Feliz aquele que se perde neste abismo! Que se atira corajoso e náufrago, neste oceano! Nunca está mais segura uma criancinha do que, quando aconchegada no colo da mãe,

abandona todo pensamento e cuidado de si mesma. Ela não vê, não ouve, não fala. Mas por ela vê, ouve, fala e age a mãe. E quando ela quer, sabe e pode acordá-la, estando perto”.

Semelhantes ímpetos repentinos do coração para com Deus encontram-se também nos fragmentos restantes da correspondência entre Pe. Bertoni e Pe. Luiz Bragato.

“Oh que Bom Pastor! – exclama em uma carta de 29.05.1840 – Deixe-se em tudo e por tudo, como sábia, dócil e humilde ovelha, sustentar, guiar, apascentar-se por Ele”. E ainda: “Confiemos em Deus, que é uma grande confiança, desconfiados em tudo de nós. É bom colocar no meu Deus a minha esperança. E por muitas tribulações... não obstantes as termos, esperamos com toda firmeza, a entrada aberta para Sua glória, onde continuamente suspira o nosso coração... Nós cantamos: Creio em um só Deus. E canta-se não somente com a voz, mas também e com mais fervor com o coração... E o maestro deste canto celeste não é Guido Aretino, mas o Espírito Santo. Ele encha seu espírito com suas consolações, para que não cesse esse canto, tão doce aos ouvidos de Deus. Passe bem e reze”.

Existem testemunhos de contemporâneos que confirmam como fossem freqüentes em Pe. Gaspar estes lampejos de chama: demonstrando que no seu coração continuava constantemente aceso, mesmo debaixo da cinza das ocupações cotidianas, o fogo do espírito de oração. Pe. Carlos Fedelini, que por doze anos foi seu assistente e enfermeiro, atesta: “Falando um dia aos seus discípulos sobre coisas religiosas, exclamou improvisamente: Basta! O pecado é um grande mal! E começou a chorar”.

2. TUDO É GRAÇA

Juntamente com este fenômeno é lembrada também uma atitude marcada como característica pelos biógrafos de Pe. Gaspar: isto é o freqüente recurso que ele fazia à oração de agradecimento pelas diversas circunstâncias, agradáveis, ou menos agradáveis, da vida. “Era-lhe tão familiar este ato de religião – escreve Pe. Giacobbe – e queria tanto que fosse amado e praticado pelos seus, que conforme o testemunho deles, não deixava jamais a ocasião de qualquer acontecimento importante, que não se dirigisse a eles dizendo: Oh! sejam dadas graças a Deus por tudo o que Ele fez na sua infinita misericórdia! Sejam dados louvores a Ele, que nos tratou como Pai que é; sim, agradeçamo-lo de tudo e cantemos-lhe um solene TE DEUM. Assim acostumava seus filhos a serem agradecidos a Deus pelos benefícios recebidos Dele, fossem quais fossem; e assim queria que a Deus e à sua graça eles referisse toda a glória de algum bem operado, ou de qualquer vitória, conseguida sobre a matéria”. Pe. Giacobbe sublinha ainda que Pe. Gaspar “manteve constante e sincero” o agradecimento a Deus, “não somente nas coisas prósperas, mas também nas adversas, e mesmo nas bem dolorosas”.

Agradecer a Deus não é somente um gesto de boa educação, mas é um profundo ato de piedade, de fé, de amor; enquanto equivale a reconhecer que “tudo é graça” e a sentir a presença da mão amorosa do Pai em todos os acontecimentos. A atitude de agradecer sempre o Senhor apresenta-se também como uma das expressões mais verdadeiras do espírito de oração que tende a animar de fé e de amor os momentos da vida cotidiana. Se Pe. Gaspar era tão inclinado e assíduo em cultivar esta atitude quer dizer que o seu coração possuía verdadeiramente em abundância o espírito de oração, o dom da oração contínua.

(continua)

(A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE
SÃO GASPAR BERTONI – PE. IGNAZIO BONETTI).



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

DEZEMBRO 2004 - N° 172

ORAÇÃO E VIDA (continuação)

A ORAÇÃO E AS ORAÇÕES

Passamos agora a estudar o papel que na vida de oração de Pe. Gaspar ocupam alguns destes exercícios determinados de piedade, litúrgicos e não litúrgicos, que segundo a tradição da espiritualidade cristã são destinados a alimentar o espírito de oração. Veremos assim como entendia e praticava a meditação da Palavra de Deus, a Eucaristia e o Ofício divino, e também outros particularmente queridos por ele como a Via Sacra, o Rosário mariano, a função da sexta-feira.

No que se refere, em particular, às celebrações litúrgicas, deve-se ter presente o fato de que no tempo de Pe. Gaspar a grande reforma realizada pelo Vaticano II, e mesmo o próprio movimento litúrgico que a preparou, estavam muito longe de chegar. Não deverá portanto ser surpresa se alguma atitude sua não for plenamente de acordo com os critérios evocados pelo Concílio; especialmente no que concerne ao caráter comunitário da oração oficial da Igreja. Mas, ao invés, parece merecedor de atenção o fato de que, não obstante os condicionamentos da mentalidade ritualística e devocionista então vigente, Pe. Gaspar tenha conseguido intuir e realizar mesmo neste campo, como veremos, a ligação entre oração e vida, que é um pouco, a alma de todo o seu esforço espiritual.

"Deve-se salientar o fato de que Pe. Gaspar tinha clara percepção da proeminência e da centralidade da liturgia, em particular da Eucaristia, no rol das obrigações de piedade. Há um sinal - entretanto que veremos - a insistência com que exigia que normalmente a meditação precedesse a celebração da Missa; "recomendava grandemente a meditação - afirma Pe. Lenotti - e procurava o mais que podia que os seus a fizessem antes da missa, apesar da urgência das confissões, ao menos em parte, e depois se completasse em outra hora".

a) A MEDITAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

I. NECESSIDADE DA MEDITAÇÃO

Fica-se logo atingido pela energia com que Pe. Gaspar afirma a importância da meditação para a vida espiritual e apostólica, e portanto a necessidade de manter-se fiel diariamente com firme intransigência. "Pe. Gaspar - escreve Pe. Giacobbe a este propósito - estava sempre unido com Deus, por uma santa meditação. E isto ele praticava muito fielmente, convencido da enorme necessidade para um eclesiástico, recomendava, pois a todos, e com

grande calor às pessoas consagradas a Deus. Aconselhava isto a todos, mesmo aos jovens do Oratório por ele fundado, muito dos quais, principalmente dos seus primeiros alunos e companheiros, deram frutos prodigiosos por este santo exercício. Mas para com seus religiosos, não era somente conselho, ou exortação, mas um dever e muito rigoroso; por isso teria tolerado neles a omissão de qualquer outro dever, jamais da meditação. E se alguma vez, uma obrigação urgente e mais grave tivesse ocupado o tempo da meditação da manhã, queria, porém, a todo custo e o mais rápido possível, que eles cumprissem a meditação, mesmo no lugar de outra ocupação ou ministério também importante".

Entre as motivações colocadas como base de tal insistência de Pe. Gaspar sobre a fidelidade à meditação, o que ocorre com mais freqüência está estreitamente ligada à sua vocação missionária, e é a exigência de que a atividade apostólica e caritativa seja constantemente animada pela fé e pelo amor, daquele espírito sobrenatural que pode torná-la verdadeiramente frutuosa.

Já sabemos que por sua vez. Pe. Gaspar achegava-se com assídua leitura e meditação à Palavra de Deus para encontrar nela a "regra única e infalível do pensamento e da ação". À L. Naudet que no sofrimento andava amadurecendo a fundação do Instituto a que sentia-se pessoalmente chamada, Pe. Gaspar indica na meditação da Palavra de Deus o manacial para atingir a luz, a coragem, a força necessária naquelas difíceis circunstâncias. "Consolo-me com suas catacumbas ou, realmente, com seu Cenáculo de portas fechadas - escreve em uma carta de 1814. - O Espírito descerá aí e tudo arderá. Permaneci na cidade, até que sejais revestidos da força do alto. S. Gregório Magno nota que a abundância e o aumento da caridade, é o sinal decisivo e definitivo do momento que se deve começar a apresentar os trabalhos, concebidos já há bastante tempo nas luzes secretas e nas inspirações ocultas do Espírito Santo, e fomentadas com o calor da oração nutridas e amadurecidas com muitas meditações". E ainda, sempre à Leopoldina Naudet: "Onde se aprende esta prudência não comum mas celestial? E quem pode legislar ou ensinar? Eis a escola, eis o Mestre, que a S. Escritura apresenta-nos: "Introduziu-me num celeiro, e o seu estandarte que levanta sobre mim, é o amor. É preciso deixar-se bem introduzir por este Rei que nos chama, nos convida, nos espera até que entremos na cantina do seu amor... Chegada a alma aqui, por grande sorte sua, a inebria com o vinho da sua caridade. Este vinho precioso alegra, fortifica, tira a alma fora de si, e unindo-se com Deus a dirige perfeitamente... Em seguida uma luz de admirável sabedoria e divina prudência se espalha no intelecto, para julgar tudo o que é relacionado com Deus ou como efeito, ou como meio para consegui-lo no futuro, ou glorificá-lo no presente. Pretendo com isto animar sempre mais a caridade de Vossa Senhoria e compreender toda a sua força na oração; de onde conseguir luzes oportunas nas circunstâncias difíceis para clarear os caminhos que deve partilhar".

(continua)

(A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE
SÃO GASPAR BERTONI - PE. IGNAZIO BONETTI).



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

JANEIRO 2005 - N° 173

ORAÇÃO E VIDA

2. "ESPIRITO INTERIOR" E "OBRAS EXTERNAS DE CARIDADE"

Há uma preciosa anotação do Memorial Privado - de 16 de novembro de 1808 - toda centralizada no tema da necessidade da oração mental bem feita, vista como condição indispensável para conseguir, na ação exterior, "frutos sazonados e maduros de caridade". A nota é tanto mais interessante enquanto contém indicações bem concretas para que no caminho da oração, destinado com certeza a levar até o vértice da contemplação, evitem-se as fáceis ilusões e nos disponha a percorrer todas as etapas necessárias ao verdadeiro progresso. "Algumas pessoas na vida espiritual começam a construir às avessas. Partem do fervor da obra externa de caridade, onde de caridade há pouco, mas muito de natureza; conseqüentemente aparecem neles uns sinais de oração sobrenatural, apenas superficiais, que se revelam como tais pela inconstância e pouca duração, ou pela ausência dos firmes resultados que acompanham aquela oração mais sublime. Estando nessa situação, vivem no puro ócio, sem proveito algum; convém, pois, a eles mudar de oração e voltar ao ponto de partida, visto não haver sólido fundamento no que estão fazendo. Verdadeiro fundamento é o espírito interior que ao seu tempo produzirá frutos firmes e maduros de caridade. Até lá deverá ser guiada por uma disciplina mais rígida de obediência e por uma oração mais prática que estimula a vontade".

Observe-se o modo original, e quase paradoxal, com que Pe. Gaspar alerta contra a eterna tentação de ativismo, e relembra o papel essencial no que respeita a oração como alma da atividade exterior. Ele admite justamente que ainda quem começa "às avessas", isto é "do fervor da obra de caridade", possa eventualmente experimentar em si "uns sinais de oração sobrenatural" (isto é, de ordem mística); mas nota imediatamente, que, mesmo admitindo tal eventualidade, trata-se de sinais "apenas superficiais, que se revelam como tais pela inconstância e pouca duração, ou pela ausência dos firmes resultados que acompanham aquela oração mais sublime", isto é, a verdadeira oração mística. Só através de um caminho autêntico de oração, que parta do "sólido fundamento" do "espírito interior" - dando assim uma clara proeminência à oração em relação à atividade exterior - será possível o progresso através dos vértices da contemplação e garantir portanto à ação apostólica a fecundidade de "frutos sazonados e maduros de caridade". No contexto, pois, deste caminho autêntico de oração se insere, junto com o cuidado do "espírito interior", a aceitação de "uma disciplina mais rígida de obediência" e o exercício de "uma oração mais prática"; condições indispensáveis para atingir a oração mais sublime.

Nestas expressões do jovem Pe. Gaspar se colhe o eco dos ensinamentos feitos pelos grandes mestres da oração. S. Tereza d'Ávila reconhece precisamente na oração contemplativa do mais alto grau - a união transformante ou "matrimônio espiritual", alcançada na sétima

mansão do Castelo interior - a fonte mais fecunda das obras de caridade. "Para isto tendo o matrimônio espiritual: para produzir obras e obras, sendo estas, como disse, o verdadeiro sinal para conhecer se se trata de favores e de graças divinas". Por outro lado S. Inácio de Loyola não se cansa de prevenir contra a fácil ilusão de poder atingir com facilidade as culminâncias de contemplação; e evoca constantemente a exigência de percorrer todas as etapas discursivas e metódicas.

* * *

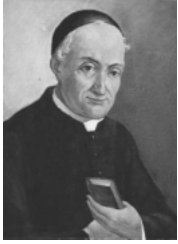
(Continua)

(A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE
SÃO GASPAR BERTONI - PE. IGNAZIO BONETTI).

"VOTOS ESTIGMATINOS PARA O ANO DE 2005"

"Devo-lhe a resposta de duas cartas suas. Numa, em que me deseja mil bênçãos neste ano, não excluindo as CRUZES; na outra em que apressa em participar da nossa FESTA DOS ESPONSAIS DA BEM-AVENTURADA VIRGEM com os mais ternos votos do seu coração. Agradeço sua benevolência, maximamente a espiritual. Na verdade, que melhor bem pode você desejar a seus amigos, senão as cruces? A mim não podia agradar melhor; não que eu tenha forças de virtude para carregá-las, mas o Senhor dá-me a graça de apreciá-las; e espero, pelas suas orações e pela piedade divina, juntamente com o sofrimento, também a paciência. Vendo-as chegar a tempo desde os primeiros dias do ano, como homem prevenido, recebo-as bem e digo: eis AS CRUZES QUE O MEU PE. LUIZ ANUNCIOU: DEUS SEJA BENDITO..."

(Carta de S. Gaspar ao Pe. Luiz Bragato).



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

FEVEREIRO 2005 - N° 174

ORAÇÃO E VIDA (continuação)

3. O MÉTODO DE ORAÇÃO

A propósito do “método de oração”, que há alguns séculos foi introduzida sistematicamente na tradição espiritual - graças ao qual se chegou muitas vezes também a identificar praticamente, a meditação com a oração mental metódica - Pe. Gaspar assume uma posição que merece ser assinalada. Digamos logo que sobre este ponto ele se atém com absoluta fidelidade à doutrina de S. Inácio. Mas a sua é uma fidelidade global e dinâmica; enquanto ela não só acentua o valor do método, mas sabe salientar também os limites e indica também, sempre nas pegadas de S. Inácio, a utilização mais sábia.

Nas instruções dos exercícios espirituais ao clero Pe. Gaspar ilustra amplamente o método Inaciano de meditação, expondo e comentando, com escrupulosa adesão ao texto dos Exercícios, todas as indicações contidas no clássico livrinho. Mas ao mesmo tempo ele mostra que sabe colher de seu mestre as orientações práticas de onde aparece que o método é um meio e tem pois um valor relativo, não absoluto. À L. Naudet, referindo-se diretamente aos mesmos exercícios espirituais - mas é evidente que o assunto serve também para a meditação, que constitui a ossatura dos exercícios - escreve: "Parece-me da nossa parte, que o método do retiro de oito dias não poderá ser melhor, que tirá-los dos Exercícios de S. Inácio. Disse da nossa parte, porque, da parte de Deus Nosso Senhor será conveniente deixar-lhe toda a liberdade, sem restringi-lo nem a horas, nem a tempo, nem a métodos, nem a dias. O que importa, a meu parecer, é que quando a alma não está atualmente atraída por Deus, ela deve preparar-se segundo o que está no livro autêntico de S. Inácio, e observar diligentemente o horário, o método, o tema, a ordem e o que mais ali houver; mas quando o Senhor o atrai, não convém observar outra coisa, mas seguir-lhe quanto o apraz." Poucos dias depois foi reforçada a mesma diretiva: "Quanto ao falado sobre os caminhos dos Exercícios, deve ser assim entendido, que ao mesmo tempo prudente e discretamente, Vossa Senhoria, sabendo que o Senhor não se atém a caminhos, o siga mesmo fora de caminho e fora de tempo."

O método pois é sem dúvida um instrumento válido, até mesmo normalmente indispensável, para aprender a difícil arte da oração mental. Mas, diferentemente de qualquer arte puramente humana, a oração é sobretudo um dom gratuito de Deus, e o progresso para as formas e os graus mais elevados de oração é marcado por uma gradual preponderância de iniciativa divina com respeito a atividade humana; a tal ponto que, nos graus mais sublimes de contemplação mística, o homem torna-se admiravelmente "passivo" diante da orientação do Espírito Santo. Por isso pode-se também dizer que o melhor método para a oração mental é o que dispõe mais eficazmente a alma para acolher em si a iniciativa divina e a torna sempre mais disponível a ela. É este, de fato, o pensamento genuíno de S. Inácio; que reconhece a

proeminência absoluta da "virtude divina" sobre o raciocínio humano no caminho da oração mental, e ensina que "o muito saber não sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e provar as coisas internamente".

É significativo o fato que justamente sobre esta indicação de S. Inácio insista Pe. Gaspar - escrevendo ainda à Leopoldina Naudet – quando trata da "preparação da meditação". "Quanto à preparação da Meditação - a carta é de 06 de março de 1813 - o sentimento interno e de recolhimento é melhor que o intelecto. No primeiro caso o intelecto sem discorrer com raciocínio, vê de um golpe de vista; e sem divagar de uma coisa para outra, firma-se no objeto principal; e ele sem andar adiante e voltar depois atrás da vontade, a tem por companheira e talvez a previna. Aquele (isto é, o intelecto e o raciocínio) fica, juntamente com o auxílio de Deus, em nossa mão; este (isto é, o sentimento interno) com o nosso consentimento, depende de Deus. Aquele é usado pelos homens na terra; este mais se assemelha ao que faremos perfeitamente no Céu. Daí eu havia prevenido Vossa Senhoria de não colocar as mãos diante de Deus, embora devesse preparar os caminhos, segundo os utilíssimos detalhes de S. Inácio". Na mesma direção é colocada também uma outra indicação de Pe. Gaspar, desta vez para si mesmo, e que atinge diretamente o conteúdo da meditação - "Na oração comece por Cristo e sua Paixão - anota no Memorial Privado - e depois, se Deus se dignar atraí-lo, deixe à larga o espírito".

Uma certa tendência de impor o catálogo do método para a meditação se fez sentir, como é conhecido, na tradição espiritual e formativa destes últimos séculos com o resultado de frear talvez o ímpeto contemplativo da oração mental e de introduzir aí traços de formalismo e de legalismo. Isto também, provavelmente, contribuiu para determinar um certo processo de ritualização e de separação da vida vivida à que se encontra exposta não só a oração litúrgica, mas o próprio exercício de meditação. O ensinamento de Pe. Gaspar, enquanto reforça com incomum firmeza a necessidade desta indispensável forma de oração, apresenta-a, por outro lado, ao seu mais genuíno significado.

(continua)

* * *

(A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE
SÃO GASPAR BERTONI - PE. IGNAZIO BONETTI).



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

MARÇO 2005 - N° 175

ORAÇÃO E VIDA (continuação)

b) A LITURGIA

1. A EUCARISTIA

A celebração eucarística "era a maior delícia do seu coração – escreve o primeiro biógrafo, testemunha ocular - aqui seu espírito encontra a fonte de graças e de dons celestes que parecia transformá-lo em outro homem... Daí é que suspirava de longe por esta bendita hora de celebrar e, quando ela chegava, inebriava-se totalmente nela". O mesmo Pe. Giacobbe atesta no Processo ordinário: "eu o vi muitas vezes prostrado diante do SS. Sacramento e celebrar a S. Missa animado de tanta fé e piedade que parecia um S. Afonso de Ligório ou um S. Felipe Neri". Sua má condição de saúde impedia-lhe muitas vezes, e mesmo por longos períodos, a celebração da Eucaristia. Mas nem por isso ele renunciava à "mais bela delícia do seu coração" e pedia que algum dos seus sacerdotes celebrasse a S. Missa na capela doméstica, vizinha do seu quarto, dando-lhe assim sempre a possibilidade de um encontro quotidiano com o SS. Sacramento. Conta-se a tal respeito, um episódio curioso: que certamente fica bem enquadrado na moldura do seu tempo. Um dia em que o confrade encarregado de celebrar na capela doméstica foi mandado celebrar numa igreja publica. Pe. Gaspar insistiu para que não o abandonasse: "os outros têm as pernas sãs - foi o seu argumento - podem procurar este benefício em outro lugar. Mas eu como poderei, se você não mo trazer?"

2. EUCARISTIA E CONTEMPLAÇÃO

Parece que precisamente no contexto da celebração eucarística Pe. Gaspar tenha feito as experiências mais íntimas de união com Deus, provavelmente ao nível místico da contemplação infusa; firmando-se ao menos no testemunho do Memorial Privado que é a fonte mais consistente, mesmo limitado no tempo (de julho de 1808 a junho de 1813), sobre a vida interior de Pe. Gaspar. "Durante a Missa, nas Secretas e ao Memento, pareceu-me que meu espírito estava iluminado para ouvir quem falava; senti, então, um grande afeto e abertura de amor ao rezar as orações. Depois certas aspirações e ímpetos da alma para Deus, como de uma pessoa que ao receber um grande amigo que há muito tempo não via, ao vê-lo sente vontade de atirar-se sobre ele para abraçá-lo. Então, desejei que se tornasse mais clara a visão e mais forte o ímpeto para alcançar de vez o bem supremo; mas receando algum sentimento de vaidade, por estar diante do publico, desci à consideração dos meus gravíssimos pecados, e aí pude conhecer melhor a divina bondade, aumentando também o amor, até se desfazer em lágrimas consoladoras, que continuaram depois da Comunhão. Entretanto a fé e a confiança cresciam

juntamente com a humildade e a reverência afetuosa para com Deus. Finalmente, na Comunhão experimentei uma intensa devoção e afeto como no dia da minha primeira comunhão, o que nunca mais havia sentido depois. Assim fiquei durante uma hora, ou melhor, durante toda aquela tarde".

Esta anotação do Memorial Privado abre uma visão muito significativa sobre a sumidade da união com Deus, a que a graça elevou Pe. Gaspar. Encontram-se apresentados aí alguns fenômenos que os teólogos consideram normalmente como indicativos de um nível místico da vida interior; como o sentimento da presença de Deus, o dom das lágrimas, uma certa experiência de êxtase. Outras anotações do Memorial Privado ilustram mais detalhadamente a experiência feita pelo Pe. Gaspar daqueles dons.

A propósito do sentimento da presença de Deus encontramos escrito no dia 11 de julho de 1808: "Depois da Missa, durante a ação de graças, um sentimento mais vivo de fé na presença de Nosso Senhor e muita confiança". Ainda no dia 04 de dezembro do mesmo ano: "Na Missa, vivo sentimento da presença de Jesus Cristo que me excitou uma breve, mas profunda confiança Nele. O recolhimento ainda durou um pouco depois, mas a devoção o dia todo".

O dom das lágrimas já é atestado em uma das primeiras notas do Memorial Privado, marcada no dia 02 de julho de 1808, Festa do Sagrado Coração: "Na Missa, durante a Consagração, em toda ação de graças, muitas lágrimas de compunção e afeto: em particular, na Comunhão senti por um momento, o espírito como que desligado de toda a criatura, em obséquio ao seu Criador".

A experiência dos êxtases, que no dia 09 de outubro de 1808 aparece um pouco refreada pelo desejo de evitar qualquer singularidade durante a Missa, parece expandir-se livremente em um momento de oração antes da celebração; como aparece na anotação de 30 de maio de 1812, cujo texto agora apresentamos por inteiro. "Rezando antes da Missa e sentindo um pouco de sono ouvi uma voz saída do Crucifixo dizer-me ao coração: 'Contempla este meu Coração'. Este pedido iluminou-me, subitamente, a inteligência e proporcionou-me um grande e imprevisto ardor no coração. Em seguida, voltando-me com os olhos e em espírito para contemplar o amável ponto indicado, senti correr um arrepijo pelo corpo todo, a boca e os olhos se me fecharam, enquanto que a alma me parecia plenamente absorta e cheia de alegria. Tive a sensação de que ela estava para separar-se do corpo; como que morrendo, mas, ao mesmo tempo, plenamente vivificada. Voltando-me novamente para ouvir quem falava, repetiu-se o arrepijo como o de uma morte doce e lenta. Enquanto a alma continuava incerta do que devia fazer, pareceu-me que, se o fenômeno continuasse ainda por mais tempo, teria morrido ou, ao menos, seria separado do corpo. Estando assim como que paralisada, permanecia entretanto, jubilosa nas mãos do Senhor, e se naquele momento tivesse eu morrido, continuaria ela totalmente serena. De repente ela voltou a recuperar o uso dos sentidos como antes. A consequência disto tudo foi a presença de uma terníssima devoção ao Sagrado Coração e de um respeito amoroso durante a Missa. A alma se expandiu em doces lágrimas durante a Santa Comunhão. Depois, grande recolhimento e suavidade durante o dia todo, além da prática esmerada das três virtudes teologais".

Os testemunhos pessoais de Pe. Gaspar sobre a piedade eucarística ficam limitados ao breve período das anotações do Memorial Privado. Mas que a forte carga interior daquela piedade tenha continuado viva depois, e que com a idade madura tenha se fortificado ainda, evidencia-se com suficiente certeza nos testemunhos acima citados pelo Pe. Giacobbe, que ainda escreve: "Os que tiveram a sorte de assistir seus divinos sacrifícios, confessam que era tanta a

modéstia e devoção, como o recolhimento, e um certo arrebatamento em Deus, que não se podia vê-lo sem ser tocado pela compunção e ternura de coração".

(continua)

* * *

(A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE
SÃO GASPAR BERTONI - PE. IGNAZIO BONETTI).



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

A B R I L 2 0 0 5 - N ° 1 7 6

ORAÇÃO E VIDA (continuação)

3. EUCARISTIA E VIDA

Foi visto na primeira parte quanto fosse importante a Pe. Gaspar a ligação entre oração e vida: seja como ensinamento, seja na prática do esforço pessoal. Agora é interessante salientar como aquele princípio encontra uma aplicação particularmente coerente e constante na esfera, da piedade eucarística. Aqui acenaremos somente na incidência que a Eucaristia exerceu na vida vivida por Pe. Gaspar; mais adiante teremos ocasião de refletir também qualquer alusão doutrinal a propósito.

Os textos do Memorial Privado onde são anotadas as experiências mais íntimas de união com Deus vividas na celebração eucarística terminam muitas vezes - como se pode observar nos textos citados - com a indicação de que aquelas experiências continuam depois, de algum modo, durante o dia e vão impregnar da presença de Deus a atividade ordinária.

Pode-se também determinar que se, o mais das vezes aquelas anotações acentuam a continuidade entre a Eucaristia e a vida estabelecida por Pe. Gaspar, graças justamente, ao prolongamento das experiências contemplativas vividas na celebração sacramental, não faltam acenos eloqüentes dos quais transparecem além disso um influxo direto da Eucaristia também nas opções operativas no campo da atividade.

Em particular evidencia-se do Memorial Privado que da Eucaristia Pe. Gaspar tirava grandes estímulos à generosidade para enfrentar o sacrifício, à operosidade apostólica, ao exercício da caridade missionária. "Depois da Missa durante a Ação de graças... um sentimento também de me oferecer para sofrer com Ele qualquer vexame"; assim termina a anotação, já citada, do dia 11 de julho de 1808. "Durante a Missa - esta anotação é de 24 de julho de 1808 - recebi do Senhor, de presente e com muita suavidade, um atual e contínuo desejo de oferecer meu trabalho unido ao sacrifício de Jesus Cristo". Neste contexto pode-se introduzir também outra nota, na qual é feita uma aproximação entre Missa e "os exercícios de caridade externa": mesmo que o sentido entendido diretamente por Pe. Gaspar seja outro. Escreve, pois, no dia 11 de setembro de 1808: "No final da Missa, grande recolhimento e modéstia; durou pouco, porque tive que me ocupar do exercício da caridade externa". Comenta com agudeza o Pe. Stofella: "Graça preciosa da oração... de ser desviado logo daí, parece que ele chama de culpa. Nós lhe diremos que aquilo, bem lá no fundo, (afinal de contas) não foi outra coisa, senão deixar Deus por Deus"; como para dizer que justamente o encontro com Deus na Eucaristia impelia, na realidade. Pe. Gaspar ao encontro com Deus, nos irmãos, mediante aquelas obras de caridade missionária e social, das quais suavida é muito rica.

4. O OFÍCIO DIVINO

A respeito do Ofício divino os testemunhos dos contemporâneos salientam, antes de tudo, o grande apego que Pe. Gaspar tinha por esta forma de oração e o cuidado intenso com que ele procurava ser-lhe fiel, diariamente, apesar das dificuldades provenientes das suas precárias condições de saúde. "Recitava sempre com grande devoção o Ofício divino mesmo quando estava doente - assim um testemunha do Processo ordinário - fazendo-se auxiliar por algum dos seus; para induzi-lo a deixá-lo era preciso uma ordem do médico".

A propósito da devoção de Pe. Gaspar na oração litúrgica o Pe. Giacobbe pôde constatar pessoalmente "com que espírito, com que mente, ele rezava e dizia os salmos". "Sua devoção - continua - não foi passageira nem de breve duração, mas a conservou cada vez mais crescente até o último dia de sua vida; e ainda conseguia alimento com aquele profundo conhecimento que, um estudo contínuo- conseguira das Sagradas Escrituras, de onde são tiradas e compostas aquelas divinas orações".

Os aspectos, digamos assim, rituais da oração litúrgica era objeto de particular cuidado de Pe. Gaspar. "Recitava o Ofício com a maior diligência - afirma uma testemunha - começando com a observação do calendário, até a pronuncia destacada de cada uma das palavras, observando escrupulosamente até mesmo as pausas dos asteriscos". Para isso ele havia criado algumas regras, que mantinha escritas em um marcador do breviário e que transmitiu também a seus filhos. Ei-las: 1ª. - Consultar o calendário; 2ª. - Marcar todas as partes do Ofício; 3ª. - Tomar a atitude conveniente interna ou externa; 4ª. - Rezar o ofício em pé ou de joelhos, ou mesmo sentado, mas só por necessidade e decentemente; 5ª. - Recitá-lo com suficiente pausa; 6ª. - Pronúncia bem clara, notando qualquer falha a esse respeito; 7ª. - Ler com atenção para não ter que repetir palavras; 8ª. - Não parar para entender alguma frase, o que poderá ser feito após a recitação".

Mas além da observância destas formas rituais - que já revela, embora em condições diferentes das nossas, uma alta consideração para o valor do divino Ofício, e o empenho pela dignidade da celebração - nota-se em Pe. Gaspar a atenção de fazer que a oração litúrgica seja, além disso, fonte de piedade e de espírito de oração. "A recitação do Ofício divino - atesta ainda Pe. Giacobbe - não a via somente como um dos principais deveres eclesiásticos, mas além disso como uma doce conversa dom Deus...; conformando-se o mais que pudesse com a distribuição canônica das horas do dia". Este aceno do fato que Pe. Gaspar se apegava quanto mais possível à canônica distribuição das partes do Ofício divino segundo as horas do dia, é muito significativo. Em um tempo no qual, por motivo da mentalidade legalística largamente difundida, era normal cumprir o "dever do dia", acumulando seis horas do Ofício divino em uma recitação continuada que facilitasse o cumprimento da obrigação com uma economia de tempo e de trabalho. Pe. Gaspar mostra ter uma clara idéia de que a oração litúrgica foi providencialmente distribuída em vários momentos do dia com a finalidade de alimentar a vida cotidiana com o necessário espírito de oração.

Uma outra anotação de notável interesse refere-se à solicitude com que Pe. Gaspar cuidava também da forma comunitária da celebração do Ofício divino. "A recitação familiar em comum das Matinas e Laudes, como também das Vésperas e Completas, era uma prática reservada desde os tempos do sr. Pe. Gaspar" atesta Pe. Lenotti ; o qual evoca justamente a autoridade do Fundador para devolver ao uso um costume que durante o tempo de dispersão subsequente a 1866 tinha decaído um pouco. Segundo uma tradição doméstica estigmatina, o Pe. Fundador queria que seus Missionários Apostólicos fossem "monges em casa". O costume de celebrar comunitariamente as horas principais do Ofício divino - seja mesmo de forma

familiar e sem o vínculo jurídico do coro - se mostra certamente como uma significativa atuação daquela vontade.

(continua)

* * *

(A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE
SÃO GASPAR BERTONI - PE. IGNAZIO BONETTI).



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

MAIO 2005 - N° 177

ORAÇÃO E VIDA (continuação)

5. ZELO PARA COM O APARATO LITÚRGICO

Para completar estas notas relativas ao comportamento do Pe. Gaspar no que se refere à Liturgia deve-se acenar também a um aspecto do seu espírito litúrgico que impressionou fortemente os contemporâneos e ainda hoje nos deixa admirados; isto é, o cuidado verdadeiramente excepcional para com o decoro da igreja, dos paramentos, dos vasos sagrados, de tudo o que se refere à celebração do culto divino. "Quanto amava a frugalidade da sua mesa e a pobreza nas roupas e na mobília de uso dos seus – escreve Pe. Giacobbe - tanto queria suntuosa e esplêndida a mesa divina; e o sacerdote que devia subir ao altar ricamente vestido; e os vasos sagrados de matéria preciosa; queria que os véus, os paramentos, a roupa branca, as sagradas alfaias e todos os objetos necessários, tudo enfim que é ligado ao altar e é necessário para a celebração, tudo transpirasse elegância, decoro, propriedade". Ainda hoje é possível constatar, na exposição permanente onde se conservam as alfaias litúrgicas que Pe. Bertoni havia preparado para a igreja dos Estigmas, como as palavras do Pe. Giacobbe não tem nenhum exagero. E também isto, certamente, é uma confirmação eloqüente da seriedade do espírito litúrgico cultivado pelo Pe. Fundador.

e) PIEDOSOS EXERCÍCIOS

1. A VIA SACRA

Juntamente com a meditação da Palavra de Deus e a liturgia ocupam um lugar de relevo no programa espiritual de Pe. Gaspar, como já acenamos, alguns exercícios de piedade não litúrgicos. As testemunhas que falam sobre o assunto confirmam como também nestas formas de oração esteja sempre presente o seu estilo que já conhecemos; de fidelidade, e de intensa piedade, de esforços para tirar de cada uma das orações o alimento do espírito de oração.

Particularmente ligado com a devoção de Pe. Gaspar ao mistério da Paixão do Senhor é o pio exercício da Via Sacra. A sua estima e o seu apego por esta forma de oração já aparecem do que ele mesmo escreveu à L.Naudet, que lhe havia pedido um conselho para a ereção da Via Sacra no coro da igreja de S. Teresa: "O bem é grande, e não deve ser descuidado, e eu sei disso por experiência de muitos anos."

Interessante salientar como a Via Sacra tenha sido vista e praticada por Pe. Gaspar justamente assim: não somente como um excelente meio para exprimir a devoção, mas também como fonte de um "grande bem" para as almas, como eficaz instrumento para dispô-las à evangelização e à conversão, como válido apoio também à ação missionária.

Pe. Gaspar recorreu à Via Sacra para manter vivo o fervor aceso na Missão em S. Firmo. "Terminada a Missão em S. Firmo - atesta Pe. Lenotti - ele continuou a confessar por bastante tempo, e para manter o fruto dela todos os dias fazia a Via Sacra; mas desde o princípio tendo prefixado que este exercício da Via Sacra fosse uma continuação das Missões, preparou tal matéria que servisse para converter os pecadores e confirmar os bons. Portanto com uma conexão admirável cada dia, no momento, sabia fazer as Estações novas mas adaptadas a este fim e convenientes ao mistério que em cada Estação se meditava. A este exercício da Via Sacra concorria cada dia um grande número de pessoas, e se percebia o fruto com muitas conversões e com grande afervoramento de piedade...; tal era a solidez daquelas, digamos assim, pregações e a unção e o fervor com que ele as fazia".

Que Pe. Gaspar estivesse atento para tirar antes de tudo para si mesmo frutos concretos de fervor espiritual da rica fonte daquele piedoso exercício, fica patente, por exemplo, desta simples anotação do Memorial Privado: "Fazendo a Via Sacra, na primeira estação pude ouvir: 'Se Eu, inocente, deixo-me condenar, porque você, réu de mil culpas, deseja com tanta, solicitude, ser justificado por tudo perante os homens?'"

2. O EXERCÍCIO DA BOA MORTE EM HONRA DA PAIXÃO

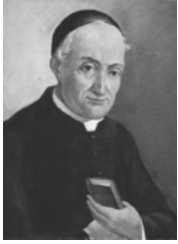
O mesmo espírito de devoção e de solidez, se encontra no Exercício da Boa Morte, que Pe. Gaspar começou a celebrar desde quando foi reaberta a igreja dos Estigmas, em outubro de 1822, e que sempre constituiu um encontro fixo para a comunidade religiosa e para os fiéis daquela igreja, todas as sextas-feiras, à tarde. Segundo testemunho do próprio Pe. Gaspar, o piedoso exercício era feito assim: "Antes de tudo cantam-se os "gradi" da Paixão de N. S. Jesus Cristo; depois, durante meia hora, se faz um sermão moral para promover todas as virtudes cristãs, mas especialmente a veneração e a devoção para com Nosso Senhor Crucificado; e logo em seguida - no altar do Crucifixo - a adoração das cinco Chagas, que consiste em algumas orações próprias".

Pe. Gaspar era muito afeiçoado a este piedoso exercício; tanto que sempre reservou, para si, enquanto lhe foi possível, a meia hora de meditação, e pediu, repetidamente à S. Sé a concessão de copiosas indulgências em favor dos participantes. Não temos nenhum esboço escrito daquelas suas meditações. Mas um testemunho do Cardeal Luiz di Canossa - que quando jovem era assíduo freqüentador, juntamente com sua família e várias outras personalidades daquele tempo, da função da sexta-feira à tarde, nos Estigmas - nos dá uma luz sobre o ensinamento espiritual dado por Pe. Gaspar naquela ocasião: "Nos sermões que fazia nas sextas-feiras e que eu ouvi muitas vezes, falava com tanto zelo e suavidade, que o coração de quem ouvia ficava não só persuadido, mas comovido e penetrado de modo especial".

(continua)

* * *

(A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE
SÃO GASPAR BERTONI - PE. IGNAZIO BONETTI).



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

JUNHO 2005 - N° 178

ORAÇÃO E VIDA (continuação)

3. O ROSÁRIO MARIANO

Uma palavra ainda sobre a devoção de Pe. Gaspar pelo Rosário Mariano; a cujo respeito existem testemunhos que merecem ser apresentados. Que se tratasse de uma oração diária para ele aparece pelo modo com que ele fala dela, por exemplo no Memorial Privado - "afeto na recitação do terço - que é o mesmo com que ele fala da S. Missa e do Ofício Divino: isto é, como um dos atos de piedade que fazem parte do programa espiritual diário.

Interessante principalmente salientar o espírito com que Pe. Gaspar fazia esta oração. "Uma vez indo visitar um irmão enfermo - afirma Pe. Lenotti - para que não se cansasse sugeriu-lhe rezar a Ave Maria, mas meditando-a como faço eu também, disse, quando não posso dormir, que rezo o terço mas meditando as palavras da Ave Maria, empregando aí também uma hora e mais, e o mesmo faço com o Pai nosso, e assim as noites passam". É de ficar pasmado diante da profundidade contemplativa de um homem que sabia passar horas inteiras meditando a Ave Maria e o Pai nosso; trata-se certamente de um dom extraordinário. Mas fica confirmada a atitude fundamental que tinha Pe. Gaspar no exercício das várias orações, mesmo vocais; a contemplação da palavra de Deus, procurando tirar daquela inexaurível fonte a luz destinada a iluminar a vida vivida.

Já vimos como desde jovem cooperador de S. Paulo Pe. Gaspar costumava praticar com este espírito, juntamente com os jovens do Oratório, a Via Sacra. A respeito da recitação do Rosário, sempre com os jovens do Oratório, atesta Pe. Lenotti: "Toda tarde cerca de uma hora por noite reuniam-se em sua casa muitos dos mais escolhidos, e aqui os fazia recitar o Rosário, e ainda fazia-lhes uma pregaçãozinha, uma meditação". Parece lógico ligar com esta atitude ao mesmo tempo contemplativa e prática que caracteriza a sua devoção pelo Rosário, também a exortação à caridade para com os enfermos feita a um confrade por Pe. Gaspar, e inspirada no segundo mistério gozoso: "aprendamos isto de Nossa. Senhora. A mim sempre impressionou o que fez Maria com Santa Isabel, que apenas avisada pelo Anjo da gravidez dela logo partiu, pensando ir visitá-la e assisti-la nos incômodos daquele estado. Partiu imediatamente, e depressa, como diz. o Evangelista, embora o caminho fosse tão longo e difícil, tanto era o seu desvelo em ajudar aquela necessitada, e sua caridade para com ela. E quando chegou, ficou não um, dois ou três dias, mas três meses contínuos assistindo-a nas suas necessidades".

Concluamos estes acenos ao piedoso exercício mariano por excelência que é o Rosário, apresentando aqui o texto de uma oração a Nossa Senhora particularmente cara a Pe. Gaspar e por ele rezada todas as manhãs. Com o Rosário ela apresenta uma profunda analogia; enquanto aparece orientada a impregnar da presença de Maria a vida de cada dia, que é oferecida a Deus

com tudo que ela reserva, em união com os próprios méritos da mesma Virgem e de Cristo. Ela:

"Bom dia, minha Mãe, dai-me a vossa bênção. Abençoai a mim e a esta minha casa. Dignai-vos entregar a Deus tudo o que hoje tenho de fazer e sofrer, em união aos vossos méritos e aos do vosso santíssimo Filho. Ofereço-vos e vos dedico todo o meu ser e tudo que me pertence, entrego à vossa disposição para servir-vos, pondo-me inteiramente debaixo do vosso manto. Impetrai-me, Senhora minha, pureza de mente e de corpo a fim de que não faça, neste dia, coisa alguma que possa desagradar a Deus. Suplico tudo isto pela vossa Imaculada Conceição e pela vossa intata virgindade, real antes, durante e depois do parto".

Comenta o Pe. Stofella: "Quem medita, um pouco esta oração encontrará aí quase uma realização do conhecido Tratado da Verdadeira Devoção à Virgem de S. Luiz Grignon de Montfort... O "Bom dia" já está no espírito da total devoção a Nossa Senhora. Ela é a Mãe, a Senhora da casa. Nós a saudamos diariamente como tal. As nossas ofertas e orações passam a Deus pelas mãos dela. Assim todas as nossas ações e sofrimentos, cada dia, unidos aos merecimentos dela e do seu divino Filho. Nós mesmos e as nossas coisas - mas todas - cada dia a serviço dela. Todo dia, cada um de nós, "tudo debaixo do seu manto." Não sei o que mais exija o santo de Montfort".

(continua)

* * *

(A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE
SÃO GASPAR BERTONI - PE. IGNAZIO BONETTI).